

DESENVOLVER, CRESCER OU... QUE FAZER?

Um breve ensaio sobre o desenvolvimento

Há anos que nos vêm prometendo desenvolvimento. A cada dia ouvimos na televisão e na rádio, e lemos nos jornais, que o país precisa de crescer, que o PIB precisa de aumentar, e que todos os nossos males se devem, ao fim e ao cabo, ao «diabo da economia» que teima em estagnar. E teima em estagnar apesar dos milhões e milhões que têm sido investidos em vários tipos de obras públicas.

Difícilmente, como cidadãos informados que somos, poderemos ouvir repetidamente tais asserções sem duvidarmos delas. Afinal de contas, não é por se repetir muitas vezes uma mentira que ela se torna verdade... Coloquemos, pois, o nosso espírito crítico a funcionar. Corrigindo: visto que este texto é da minha autoria, serei eu o crítico, e o leitor fará o favor de enviar à Ar Livre a sua própria opinião.

TER OU SER?

A primeira questão que coloco é se desenvolvimento e crescimento económico são sinónimos – ou qual é efectivamente a relação entre ambos. Que são tomados como equivalentes na imprensa e no discurso político (e mesmo no discurso de eminentes economistas) não tenho grandes dúvidas. Contudo, creio que embora o crescimento económico possa favorecer o desenvolvimento, a economia não é um componente do desenvolvimento, mas sim um dos instrumentos que para ele podem contribuir. Na acepção de Amartya Sen, desenvolvimento consiste na expansão das capacidades individuais e no conseqüente alargamento das oportunidades ao dispor de cada um. Embora esta seja uma visão altamente individualista do desenvolvimento, Sen enfatiza o enriquecimento pessoal – no sentido não monetário do termo – como uma forma de libertação de uma série de constrangimentos que, de uma forma ou de outra, limitam a evolução e o percurso de cada um. Esta visão contrasta de forma evidente com a visão altamente utilitária da economia neoliberal, que se concentra mais na vertente «ter» do que no «ser», na terminologia de Max Neef.

Seria interessante explorar as enormes implicações que estes paradigmas acarretam. Em termos de desenvolvimento, será preferível ajudar as pessoas carenciadas também com formação e com meios de iniciarem os seus próprios negócios, mesmo que a uma escala familiar, ou simplesmente oferecer-lhes comida e roupa?

Só muito dificilmente desenvolvimento e crescimento económico podem ser colocados num mesmo patamar de importância. Isto não implica que o crescimento não seja importante – ainda que por outras razões – mas simplesmente que não podemos, de todo, guiar toda a nossa política unicamente por este objectivo. Até porque crescimento económico permanente, normalmente voraz em termos de recursos naturais e de energia, significa apenas mais

problemas para o nosso já periclitante equilíbrio ambiental. Não estou a advogar o fim do crescimento como salvação, limito-me a lembrar que na equação do crescimento económico o ambiente tem de passar a fazer parte. E nessa altura talvez cheguemos à conclusão de que alguns países já cresceram o suficiente, e de que é necessário encontrar outros paradigmas para aumentar, por exemplo, as taxas de emprego.

SACRIFICAR NO ALTAR DO CRESCIMENTO?

A segunda questão que me coloco é até que ponto devemos continuar a sacrificar componentes essenciais da nossa cultura e do ambiente para favorecer o crescimento económico. Salta à vista que um crescimento que se baseie em recursos não renováveis ou está condenado a médio prazo ou vai requerer uma mudança radical para que se possa manter. Por isso – e mesmo assumindo que o crescimento é necessário – se este continuar a implicar a depredação de recursos, será conseqüentemente preferível antecipar, tanto quanto possível, essa mudança radical. Por outras palavras: mesmo que tomemos o partido daqueles que crêem que o crescimento económico é essencial para o desenvolvimento, seremos forçados a concluir que o actual modelo em que se baseia esse crescimento é insustentável.

Pior que isso: a depredação de recursos está a legar-nos destruição em larga escala, mesmo daqueles locais que consideramos dignos de serem protegidos pelos mais variados motivos. Desenvolvimento não será também termos algum orgulho no local onde vivemos? Não será alguma autenticidade, o sermos capazes de olhar para uma paisagem e de nos deixarmos invadir pela sua beleza? Não será preservarmos esses locais para que os nossos filhos e netos deles possam usufruir? Mas, paulatinamente, o território vem sendo dizimado para construir estradas, barragens, complexos habitacionais e campos de golfe.

SEREMOS CAPAZES DE VIVER EM NÃO-LUGARES?

Teremos forçosamente de nos perguntar que país será esse no dia em que o seu território se transformar numa massa indistinta de criações humanas destinadas a incentivar o crescimento da economia. Imaginem que o Português seria gradualmente abolido das escolas até que um dia todos nos encontraríamos a falar... Francês. Pois é isso, de alguma forma, o que está a acontecer com o território. Gradualmente, aqueles locais com que nos identificamos, onde brincámos em criança e onde namorámos, vão sendo convertidos noutros usos, normalmente de menor valor patrimonial e sem qualquer característica que os torne especiais. Marc Augé chamar-lhes-ia «não lugares». A língua pode ser o nosso principal factor de afirmação cultural – apesar de muito pouco defendida e promovida – mas o território é a fonte dos recursos, fonte de tradições e de palavras, de histórias, de vidas, e onde todas as coisas acontecem. Perder o território é perder a identidade. Até que ponto estaremos dispostos a arruinar a paisagem?

Tendo em conta o estado degradado em que tantos ecossistemas e paisagens se encontram, continuar a trocar a paisagem pelo crescimento económico traduz-se necessariamente num

menor nível de desenvolvimento. A mudança de paradigma necessária – que, creio, todos teremos de ajudar a construir, pois ainda não foi inventada! – passa certamente pela protecção dos recursos que restam e pela sua devida valoração pela economia, por forma a que também eles, sem serem transformados no processo, possam ser factor de desenvolvimento (e, porque não, de crescimento!). Os cientistas chamariam a esta uma «economia ecológica» e, ao desenvolvimento, «sustentável». Mas, acima de tudo, trata-se de uma estratégia de sobrevivência.

E assim termino, esperando muitos e animados comentários, de preferência afluindo os vários aspectos do desenvolvimento que ficaram por tratar.

Nuno Quental

Doutor em Engenharia do Território